



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



PROMOÇÃO DA SAÚDE OCULAR NA ESCOLA: QUEM NÃO COMPREENDE UM OLHAR TAMPOUCO HÁ DE COMPREENDER UMA LONGA EXPLICAÇÃO

Área temática: Saúde

Fabiéli Vargas Muniz Schneider¹; Yohana Pereira Vieira²; Larissa Bornholdt², Danieli Samara Federizzi², Sidnei Petroni³; Vera Lúcia Freitag⁴; Isabel Cristine Oliveira⁵; Luana Escobar dos Santos da Silva²

¹Universidade Federal de Santa Maria/ Campus Palmeira das Missões (UFSM); Curso de Enfermagem; Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Enfermagem;

²Universidade Federal de Santa Maria/ Campus Palmeira das Missões (UFSM); Curso de Enfermagem; ³Universidade Federal de Santa Maria/ Campus Palmeira das Missões (UFSM); Doutor em Ciências Biológicas (Anatomia). Docente do curso de Enfermagem;

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Ciências da Saúde; Doutoranda em Enfermagem; ⁵Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Mestranda no Programa da Pós-Graduação em Enfermagem.

Resumo: A visão é um dos mais importantes meios de comunicação, sendo que cerca de 80% das informações que recebemos são obtidas por seu intermédio. É portanto, importante para o pleno desenvolvimento pessoal e relacionamento do indivíduo com o ambiente circundante (BRASIL, 1994). Sendo a visão essencial para o aprendizado é importante a prevenção e a detecção precoce de deficiências oculares que são os melhores recursos para combate à visão subnormal e devem ser feitas, referencialmente, na infância. Este estudo de atividade extensionista é realizado através de um projeto intitulado Promoção da Saúde Ocular na Escola: Quem não compreende um olhar tampouco há de compreender uma longa explicação, registrado no Sistema de Informações Educativas (SIE) da UFSM com nº 039546 foi e que foi desenvolvido por acadêmicos do curso de Enfermagem. Neste estudo descritivo de delineamento transversal foram avaliadas 17

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Escolas, sendo 8 Estaduais e 9 Municipais. Na amostra total de 176 escolares a faixa etária estava 5 a 8 anos, sendo que 71 crianças (40,34%) apresentaram acuidade visual diminuída. Os resultados obtidos neste trabalho soma-se a de outros e reforçaram a necessidade de campanhas para a detecção e prevenção de problemas visuais, justificando a realização dessas iniciativas. Outro aspecto fundamental é a integração dos acadêmicos de enfermagem e o professor das escolas no auxílio da detecção de problemas visuais, realizando os encaminhamentos adequados, quando necessário. Sugere-se assim, que as ações desta natureza sejam mais frequentes e que envolvam além dos professores, a comunidade e os órgãos de ensino superior para que em conjunto possam detectar problemas visuais e com isso minimizar os danos causados e, conseqüentemente, melhorar o rendimento escolar dos estudantes.

Palavras chave. Enfermagem; Promoção da Saúde; Acuidade Visual.

1. Introdução

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ao assumir o compromisso educacional vem aprimorando o seu padrão no Ensino, Pesquisa e Extensão, dispondo de futuros profissionais preparados qualificadamente para pós graduação. O processo administrativo da Instituição baseia-se na missão de promover o ensino, a pesquisa e a extensão formando lideranças capazes de desenvolver a sociedade. Agrega-se a esta missão, a visão de ser reconhecida como referência de excelência pela comunidade científica e pela sociedade em geral (BRASIL, 2012).

Libâneo (1998) afirma que ensino, pesquisa e extensão no âmbito da Universidade pública brasileira, devem andar “de mãos dadas” na tentativa de produzir, lapidar e difundir o conhecimento. Portanto, a extensão universitária possibilita a interdisciplinariedade e o enriquecimento da formação acadêmica dos participantes do grupo e permite ao estudante colaborar com a sociedade, compartilhar as informações e associar a teoria com a prática. Assim, é que se defende a abertura da universidade ao povo, com prestação de serviços e promoção de cursos a serem desenvolvidos pelos estudantes em faculdades.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Diante dessa necessidade de promoção articulada, e com a experiência do grupo em extensão à comunidade, descreve-se a seguir uma proposta de Extensão na sua interface com o ensino/educação. Assim, com a intenção de que ações sejam implementadas na prevenção de doenças visuais direcionadas a estudantes da educação básica das escolas públicas na etapa do ensino fundamental, este projeto visou detectar distúrbios visuais iniciais, quando as alterações podem ser controláveis ou reversíveis em alunos de primeira série das escolas municipais além de relacionar também ao desempenho escolar, também oportunizar aos acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/Campus de Palmeira das Missões continuarem o envolvimento em projetos extensionistas.

A visão é um dos mais importantes meios de comunicação, sendo que cerca de 80% das informações que recebemos são obtidas por seu intermédio. É portanto, importante para o plano desenvolvimento pessoal e relacionamento do indivíduo com o meio ambiente circundante (BRASIL, 1994). Direccionamos o trabalho aos alunos do 1º ano cuja faixa etária é de 6 anos de idade das escolas municipais e estaduais de um município do Norte do estado do Rio Grande do Sul pois estes estudantes estão iniciando seu processo de aprendizado e qualquer dificuldade poderá prejudicar seu desenvolvimento escolar atual e futuro. Pesquisas indicam que a boa visão é essencial para melhorar o rendimento escolar (BRASIL, 2000). Pois a deficiência visual interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento psicossocial da criança. Portanto exames de rotina da acuidade podem assegurar boa saúde visual, colaborar na atenuação dos elevados índices de evasão escolar ou repetência, e prevenir diversas complicações oculares de maior âmbito.

Considera-se baixa visão ou visão subnormal, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 (20/70) e maior ou igual a 0,05 (20/400) ou seu campo visual é menor do que 20º no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 de graus de comprometimento visual do CID 10) e considera-se cegueira quando esses valores encontram-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10º (categorias 3, 4 e 5 do CID 10) (BRASIL, 2008).

A visão subnormal pode interromper o processo de ensino-aprendizado das crianças em idade escolar e assim comprometer seu desenvolvimento e até mesmo causar

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



reprovações já que talvez não saibam expressar certas dificuldades. O acompanhamento se faz necessário visto que se pode prevenir tais problemas visuais buscando parte do público que por se tratar de alunos de escolas municipais se encontraram muitas vezes retiradas da cidade dificultando assim o acesso ao sistema de saúde.

A criança, ao ingressar na primeira série, inicia (ou continua) o processo de alfabetização, considerado um dos mais importantes da área educacional e necessita, portanto da visão e audição normais (ou com correção) para que esse processo seja facilitado (CANO; SILVA, 1994). Qualquer distúrbio ou alteração nos alunos que passam por esse processo pode interferir e prejudicar seu desenvolvimento escolar.

Estudos realizados por estes mesmos autores comprovam a importância dessa investigação com alunos nessa idade escolar já que o índice de alunos com alterações visuais são consideráveis. Em um estudo realizado na cidade de Ribeirão Preto- SP foram avaliados 445 estudantes, dos quais 28 (6,3%) apresentaram um distúrbio de visão 12 (2,7%) já usavam óculos. A busca pela prevenção do sentido visual dos alunos pode evitar possíveis reprovações escolares como foi apresentado no estudo realizado em escolares da primeira série do ensino fundamental da rede municipal, na zona urbana, de Correia Pinto, SC que constatou que 20% dos educandos que apresentavam acuidade visual baixa comprovada pelo médico oftalmologista 20,5% foram reprovados, quando comparados com outros 15,9% que também reprovaram, mostrando que a não aprovação é mais frequente entre os que tem déficit de acuidade visual (JUNIOR; GIGANTE; OLIVEIRA *et al.*, 2007).

Conforme pesquisa realizada por Lopes; Barbosa e Marques *et al.*, (2003) os alunos iniciantes no processo de ensino-aprendizado por estarem aperfeiçoando seus sentidos pode caso não investigado obter um considerável número de crianças com tais problemas como mostrado no trabalho de pesquisa realizado na cidade de Goiânia que confirmou, que entre 414 escolares na faixa etária de 5 a 14 anos do pré-escolar o maior acometimento encontrado foi na faixa etária de 6 a 8 anos equivalendo a 52,2% .

Já em outro estudo realizado com alunos do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Tubarão- SC, constatou-se uma prevalência de baixa acuidade visual de 24,7 % (23/93) no grupo etário mais jovem, enquanto que o outro grupo apresentou uma

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



prevalência de 16,9% (15/89). Ou seja, as crianças com menor idade apresentaram 47% mais chances de ter baixa acuidade visual em relação às mais velhas (FISSMER; LIMA; NETTO *et al.*, 2005). Isso comprova que as crianças de idades menores estão vulneráveis a distúrbios visuais.

Torna-se importante destacar nesse trabalho a participação e o envolvimento dos pais observando o quanto eles interagem na vida escolar dos filhos a ponto de detectar essas alterações ou as dificuldades de aprendizado. No município de Ribeirão Preto das 28 famílias que foram entrevistadas (cujos filhos apresentavam distúrbio visual), foi verificado que 09 tinham conhecimento do problema e 19 não haviam percebido nada (CANO; SILVA, 1994). Esses dados confirmam a importância do acompanhamento rotineiro dos pais com atenção especial para demonstrações atípicas durante o estudo.

Estes estudos reafirmam a importância da descoberta precoce de problemas visuais como forma de minimização e correção de problemas graves no futuro, mas também convidam a lembrar que a saúde visual de alunos de séries iniciais necessita do acompanhamento e do cuidado dos pais e dos educadores evitando assim, que no futuro essa problemática se agrave causando danos aos mesmos.

Conforme Cabrera (2005) o teste de acuidade visual com a tabela de Snellen é definido pela OMS como o indicador mais sensível da função visual; o teste foi classificado como simples, confiável, de baixo custo, alta sensibilidade e especificidade e não requer treinamento prolongado dos examinadores.

O objetivo geral do projeto foi detectar possíveis distúrbios oftalmológicos em escolares do 1º ano, do ensino fundamental em escolas municipais e estaduais de um município do norte do Rio Grande do Sul por meio do Teste de Acuidade Visual, e verificar a possível correlação entre um baixo desempenho escolar e algum tipo de déficit visual evitando assim que o processo de ensino/aprendizado seja prejudicado no decorrer dos estudos em função da visão.

2. Material e Metodologia

Trata-se de uma atividade extensionista realizada com crianças do primeiro ano

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

do ensino fundamental das escolas municipais e estaduais de um município da região Norte do Estado do Rio Grande do Sul.

O projeto intitulado Promoção da Saúde Ocular na Escola: Quem não compreende um olhar tampouco há de compreender uma longa explicação registrado no Sistema de Informações Educativas (SIE) da UFSM com nº 039546 foi desenvolvido por acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/Campus de Palmeira das Missões que buscou estudar e avaliar a visão de estudantes de séries iniciais (1º ano) das escolas municipais e estaduais.

Embora seja uma técnica de exame simples a escala de sinais de Snellen tem sido muito utilizado para avaliar a acuidade visual, principalmente em estudantes de séries iniciais. Porém diversos cuidados devem ser empregados para a triagem à detecção de baixa visão. Trata-se de uma avaliação que envolve variáveis fisiológicas e psicológicas envolvidas tanto no processo de captação e formação de imagens, como na capacidade de expressão da imagem informada ao examinador.

Os encontros nas escolas ocorreram em três momentos com data e horário previamente agendados com a equipe diretiva de acordo com o calendário escolar para que não houvesse interrupção das atividades escolares. O primeiro momento foi destinado à apresentação do projeto aos professores explicando como seriam as atividades e encaminhamento aos pais e responsáveis o Termo Autorização que descreve o intuito da atividade para realização do teste no filho/estudante, o segundo momento, a realização dos testes com os mesmos que foram realizados em uma sala reservada, fornecida pelos diretores das escolas, local em que os estudantes foram recebidos individualmente para a avaliação e, por fim o terceiro momento que foi destinado ao retorno dos resultados a equipe diretiva da escola para posterior encaminhamento aos pais.

Para conhecer melhor a escola e os alunos foi realizado um questionário com algumas informações como: gênero, faixa etária, uso de óculos ou lentes de contato e sintomas como: tontura, enjoos, cefaleia, fadiga visual, visão dupla, testa franzida, olhos vermelhos, sensibilidade a luz, lacrimejamento, piscar contínuo dos olhos e inclinação da cabeça foram registrados. O teste de triagem da acuidade visual foi realizado por meio da Escala Optométrica de Snellen para posteriormente os resultados serem encaminhados aos

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



professores e pais, caso houvesse necessidade. O atendimento da proposta esteve em detectar e ou evitar possíveis distúrbios oftalmológico das crianças de series iniciais para que assim, caso necessário o tratamento, seja realizado precocemente qualificando então, o aprendizado dos mesmos.

A tomada de medida de acuidade visual dos estudantes foi realizada através do teste do “E” direcional da escala de Snellen, em lugar apropriado com iluminação adequada para o teste. O preparo do local: deve ser calmo e bem iluminado. A luz deve ser indireta vinda de trás ou dos lados, evitando sua incidência sobre a Escala de sinais de Snellen; a qual deve ser colocada numa parede a uma distância de cinco metros da pessoa a ser examinada. O profissional responsável pela triagem também deve fazer uma marca no piso com giz ou fita adesiva, colocando a cadeira de exame de forma que as pernas traseiras desta coincidam com a linha demarcada.

Após a organização do ambiente as crianças foram chamadas individualmente para evitar assim barulho e possíveis distrações. Foram comunicados sobre o uso do oclutor sobre o olho e que este deveria permanecer aberto durante o teste, a visão de cada olho foi realizada separadamente e os sinais apontados com um lápis preto, colocando verticalmente a 2 cm abaixo o sinal. O olho que iniciou o teste foi o direito mostrando três figuras de cada linha da tabela, começando pela linha 0,7 e descendo até chegar na linha 1,0 alterando os “E” posicionados na horizontal e na vertical. Quando observado alguma dificuldade numa determinada linha, mostramos um número maior de sinais da mesma linha, e caso a dificuldade continuasse, era retornado a linha anterior. As crianças que apresentaram ambliopia, ou seja, a diminuição da acuidade visual de um ou de ambos os olhos e acuidade visual que é inferior à de um olho considerado normal em pelo menos 3 figuras da linha 0,7, com cada olho separadamente, foram encaminhadas para exame com o oftalmologista. As crianças usuárias de óculos realizaram o teste com o mesmo. Também tomamos o cuidado de observar durante a medida da acuidade visual, se a criança apresentou queixas como “não enxergo” e sinais como: lacrimejamento, inclinação da cabeça, piscar contínuo dos olhos, estrabismo, desconforto ou franzir de fronte. Todas essas observações foram anotadas na ficha de resultados.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



3. Resultados e Discussões

Dentre as escolas em que o projeto foi desenvolvido 8 são Municipais e 9 são Estaduais, perfazendo um total de 17 educandários. Foram observadas 176 crianças com idade entre 5 a 8 anos de idade, dessas 71 (40,34%) apresentaram acuidade visual diminuída.

As crianças avaliadas nas escolas municipais totalizaram 52, no entanto 22 (42,30%) apresentaram acuidade visual reduzida. Dentre elas: 1 (1,92%) usava óculos, 10 (19,23%) inclinaram a cabeça, 20 (38,46%) franziram a testa, 7 (13,46%) lacrimejaram, não houve nenhum estrábico, 2 (3,84%) piscaram continuamente, 14 (26,92%) permaneceram inclinados durante o teste.

Já nas escolas estaduais a amostra total foi de 124 crianças onde 49 (39,51%) delas apresentaram baixa acuidade visual. Do total: 6 (4,84%) crianças usavam óculos, 62 (50%) inclinaram a cabeça, 70 (56,45%) franziram a testa, 10 (8,06%) lacrimejaram, 1 (0,8%) criança era estrábica, 9 (7,25%) piscaram continuamente, 26 (20,96%) permaneceram inclinada durante o teste.

Neste estudo observou-se que, 71 (40,34%) dos estudantes apresentaram baixa acuidade visual. Este percentual é maior que os encontrados por Toledo; Paiva; Camilo *et al*, (2010) no município de Juiz de Fora – M.G. com escolares do terceiro ano do Ensino Fundamental da rede pública que observou baixa acuidade visual em 34,8% dos alunos estudados.

Também observou-se que o percentual foi quase o dobro do encontrado por Figueiredo; Roque; Guimarães *et al*, (2015) em Pato Branco – M. G. cujo estudo detectou que das 182 crianças avaliadas 20,87% tinham acuidade visual diminuída.

O desenvolvimento do projeto foi estipulado para um determinado número de alunos, porém a coleta dos dados foi realizada em um período chuvoso, que dificultou a presença dos alunos já que não compareceram na aula. No entanto, os dados foram suficientes para analisar a importância desse tipo de ação extensionista e de certa forma intervir na tentativa de prevenção de maiores problemas visuais. Dessa forma, a capacidade visual desenvolvida nos primeiros anos de vida pode apresentar alterações reversíveis

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



geralmente durante os primeiros anos escolares (FIGUEIREDO; ROQUE; GUIMARÃES *et al.*, 2015).

4. Conclusão

Com os resultados do projeto extensionista, obteve-se resultados elevados de acuidade visual reduzida nos escolares do ensino fundamental na região Norte do Estado do Rio Grande do Sul quando comparados com outros estudos.

Evidencia-se portanto, que o trabalho trouxe muitas contribuições tanto para as crianças quanto aos acadêmicos. As crianças puderam ter sua possível dificuldade visual detectada precocemente, possibilitando a realização de promoção e prevenção de saúde ocular de maneira que a dificuldade de aprendizado possa ser identificada como um efeito negativo da acuidade visual diminuída. Em relação aos acadêmicos de enfermagem puderam desenvolver atividades de extensão que são competência da enfermagem como: promoção e prevenção, podendo utilizar suas experiências em práticas profissionais futuras.

Diante dos resultados, nota-se o importante papel das campanhas realizadas em relação à saúde ocular, pois estas podem prevenir e tratando as dificuldades visuais, melhorando assim a qualidade de vida atual e futura das crianças escolares. É através desses projetos que se desenvolvem junto à comunidade que se permite uma aproximação dos sujeitos que estão presentes no cenário atuante da enfermagem.

Os resultados possibilitaram conhecer a realidade da acuidade visual em escolares do nosso município e, propiciar uma forma de encaminhamento para a correção e/ou redução do problema visual, por meio de procedimentos adequados. Isso reforça a necessidade de campanhas para a detecção e prevenção de problemas visuais, justificando a realização dessas iniciativas.

5. Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). **Missão, Visão, Valores**; 2012. Disponível em: <http://sucuri.ufsm.br/_admin/prp/missao_visao.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2015.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



BRASIL - Campanha Nacional Olho no Olho- 2000.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE – Secretaria da Assistência à saúde. Departamento de Assistência e Promoção à Saúde. Coordenação de Doenças Crônicas degenerativas. Informações básicas para a promoção da saúde ocular, 2.^a ed. Brasília, 1994.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE- Portaria N° 3.128, de 24 de Dezembro de 2008.

CABRERA, M. C. S. Avaliação do Conhecimento Sobre a Saúde Ocular dos Orientadores e Professores das Escolas Municipais de Canoas, RS [dissertação]. Canoas: Universidade Luterana do Brasil. Mestrado e Pós Graduação em Saúde Coletiva, 2005.

CANO, M. A. T.; SILVA, G. B. DA; Detecção de Problemas Visuais e Auditivos de Escolares Em Ribeirão Preto: Estudo Comparativo por Nível Sócio-Econômico. Rev. Latino-am. enfermagem – Ribeirão Preto – v. 2 – n. 1 – p. 57-68 – janeiro 1994

FIGUEIREDO, S. O.; ROQUE, I. L. F.; GUIMARÃES, I. I. S. M.; VIEIRA, L. M. P.; AMARAL, N. S.; GONZAGA, R. M. C.; Detecção precoce e resolução de deficiência visual em escolares da cidade de Patos de Minas. Rev Med Minas Gerais 2015; 25 (Supl 5): S18-S21

FISSMER, L. E. W.; LIMA, G. C.; NETTO, A. A.; CORRÊA, M.; AUWAERTER, G. A.; FISSMER, J. F. W.; Avaliação da acuidade visual de alunos do ensino fundamental de uma escola da rede pública de Tubarão-SC. Arquivos Catarinenses de Medicina Vol. 34, n° 1, de 2005.

JUNIOR, M. M.; GIGANTE, L. P.; OLIVEIRA, P. R. P. DE.; NUTELS, M.; VALLE, R.; AMARO, M.; TEIXEIRA, C.; Acuidade visual de escolares em uma cidade do interior de Santa Catarina, 2003. Revista da AMRIGS, Porto Alegre, 51 (4): 285-290, out.-dez. 2007

LIBÂNIO, J.C. Democratização da Escola, a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. 13a edição. São Paulo, Edições Loyola, 149 p. 1998.

LOPES, C.L.R.; BARBOSA, M.A.; MARQUES, E.S.; LINO, A.I.A.;MORAIS, N.H.F. - O trabalho da enfermagem na detecção de problemas visuais em crianças/adolescentes. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 5 n. 2 p. 55 – 59, 2003. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/revista>.

TOLEDO, C. C.; PAIVA, A. P. G.; CAMILO, G. B.; MAIOR, M. R. S.; LEITE, I. C. G.;

GUERRA, M. R.; Detecção precoce de deficiência visual e sua relação com o rendimento escolar. Rev Assoc Med Bras 2010; 56(4): 415-9

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:

